

OS/AS PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E AS SEXUALIDADES: UMA EXPERIÊNCIA NARRADA A PARTIR DO ENLAÇANDO SEXUALIDADES NO ESTADO DA BAHIA

THE TEACHERS OF BASIC EDUCATION AND THE SEXUALITIES: AN EXPERIENCE NARRATED FROM THE “SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES” IN THE STATE OF BAHIA

Suely Aldir Messeder¹

Resumo:

Neste artigo, reconstituiremos o território de encontro entre os/as pesquisadores/as e os/as professores/as da Educação Básica no âmbito de um evento acadêmico. Trata-se do Seminário Enlaçando Sexualidades cuja proposta se volta para acolher, debater e difundir trabalhos originários de pesquisas e relatos de experiências sobre sexualidades. No intuito desta reconstituição, apresentar-se-á três seções: a) por que desejamos um/a professor/a com a conduta ética/compromissada e não neutra? b) a reconstituição do território do encontro entre pesquisadores/as e professores/as da Educação Básica; e c) a descrição da interação entre pesquisadores/as e professores/as da Educação Básica no território. Nelas, versaremos sobre a tríade conhecimento localizado, subjetividade corpórea do/a pesquisador/a e do/a professor/a e conduta respeitosa e comprometida. Este território se centra na ideia do compromisso com a paciência, o acolhimento, a justiça social, racial, gênero, erótica e religiosa e as múltiplas narrativas sobre as sexualidades.

Palavras-chave: Sexualidades. Educação básica. Conhecimento Localizado. Professor/a, Pesquisador/a.

Abstract:

In this article, we are going to rebuild the territory of the meeting between researchers and teachers of Basic Education within an academic event. This is the Seminar “Enlaçando Sexualidades, whose proposal intends to host, discuss and disseminate research papers and experience reports about sexualities. Aiming this rebuilding, three sections will be presented: a) Why do we wish a teacher with an ethic committed conduct and not neutral? b) Reconstitution of the territory of the encounter between researchers / teachers and the Basic Education; c) The description of the interaction between researchers / teachers and the / Basic Education in the territory. Then, we are going to talk about the triad: situated Knowledge; embodied subjectivity of researcher and teacher and respectful and committed conduct. This area focuses on the idea of commitment with patience, acceptance, social, racial and gender, religious and erotic justice and the narratives about multiple sexualities.

Keywords : Sexualities. Basic Education. Situated Knowledge Teacher. Researcher

– *Todo dia, ela pedia para ir ao sanitário e retornava com as perninhas um pouco abertas. Teve um dia que comentei com a assistente de sala. Então, fui devagarinho atrás dela e sem que ela percebesse espiei por cima da porta, deparei-me com uma situação desesperadora: sabe aquele lápis grosso de madeira?! Ela enfiava entre as pernas!* (Professora, 30 anos, educação básica).¹

Esta narrativa se desenrolou no território escavado no *Seminário Enlaçando Sexualidades*, evento que ocorre de forma bianual na

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)². Certamente, esta cena, recontada com riqueza de detalhes por uma professora da Educação Infantil, não foi presenciada de forma singular, posto que outras cenas parecidas são vivenciadas pelos/as educadores/as e suas angústias reveladas sobressaltam os nossos processos de subjetivação cujos conteúdos modelam as nossas sexualidades

¹ Dra. Antropologia e Professora da Universidade do Estado da Bahia) (e-mail: suelymesseder@gmail.com – 071-3461-1092)

² O Seminário Enlaçando Sexualidades, evento acadêmico bianual, que já teve três edições em 2009, 2011 e 2013, normalmente acontece no período de três dias e sua programação se configura nas Conferências, nas Mesas Coordenadas e nos Enlaces (grupo de trabalhos). Para saber um pouco mais sobre este evento aconselha-se a consulta da página web: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades3/paginainicial/>.

normativas e as regras daquilo que não é dito nas escolas.

As múltiplas narrativas catalogadas no caderno de resumo e em nossos diários de campo, com base nos relatos de experiências dos/as professores/as da Educação Básica recontadas por elas/eles nos munem de estratégias para que possamos refletir conjuntamente sobre como falar de sexualidades em uma perspectiva científica interdisciplinar visando a formação de um Estado democrático e laico.

Antes de adentrarmos neste território do *Enlaçando Sexualidades*, é preciso esclarecer o que significa para nós pensar cientificamente e, sobretudo, pôr em questão a neutralidade científica, sem, contudo, abandonar a relação entre julgamento de valor moral e relação com valores. Para construir a narrativa sobre este território, teremos três seções: a) por que desejamos um/a professor/a com a conduta ética/compromissada e não neutra? b) a reconstituição do território do encontro entre pesquisadores/as e professores/as da Educação Básica; e c) a descrição da interação entre pesquisadores/as e professores/as da Educação Básica no território do *Enlaçando Sexualidades*; e, por fim, as considerações gerais.

POR QUE DESEJAMOS UM/A PROFESSOR/A COM A CONDUTA ÉTICA/COMPROMISSADA E NÃO NEUTRA?

A inspiração teórico-metodológica para se construir um conhecimento situado sobre sexualidades tem a ver, diretamente, com os questionamentos sobre o relativismo e a objetividade científica, como nos diz Haraway (1995, p. 24),

A alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia. O relativismo é uma maneira de não estar em lugar nenhum, mas alegando-se que se está igualmente em toda parte. A 'igualdade' de posicionamento é uma negação de responsabilidade e de avaliação crítica. Nas ideologias de objetividade, o relativismo é o perfeito gêmeo invertido da totalização; ambos negam interesse na posição, na corporificação e na

perspectiva parcial; ambos tornam impossível ver bem.

Nesta citação, depreendemos uma posição corpórea do/a pesquisador/a, cujo compromisso se alia à solidariedade política, o que não significa, exatamente, uma posição identitária, mas, sim, uma posição que privilegia um mundo que possa acolher a justiça social, a justiça racial, a justiça de gênero, a justiça erótica e a justiça religiosa.

Aqui, nos deteremos mais especificamente na justiça religiosa cuja conceituação foi colhida no livro *Laicidade do ensino religioso no Brasil*, escrito a seis mãos, por Debora Diniz, Tatiana Lionço e Vanessa Carrião (2010). Porque enveredar pela justiça religiosa? Porque, na nossa experiência acumulativa com os/as professores/as, os valores morais vinculados à religiosidade são aqueles que mais são evocados para as explicações sobre a temática das sexualidades.

Na trilha para se configurar a justiça religiosa, dois caminhos podem ser apreciados na leitura do livro supracitado. Primeiro, vimos que uma possível solução para a prática da justiça religiosa é favorecer um espaço mais igualitário aos discursos religiosos no âmbito escolar, sobretudo porque a proposta de laicidade requerida pelo Estado brasileiro não é a negação da religião, mas sim, uma possibilidade ecumênica das religiões nas escolas: a liberdade religiosa existe e está garantida na Constituição³. O segundo seria o Estado Brasileiro tomar para si a autoridade pedagógica de definir o conteúdo no ensino religioso, tal como ocorre com o material didático das outras disciplinas adotadas na rede pública. Assim, a avaliação e a aprovação do conteúdo dependeriam do Programa Nacional do Livro Didático, vinculado ao Ministério da Educação.

Acreditamos que tais medidas são de grande importância para que a justiça religiosa seja uma medida ideológica no horizonte estatal, porém, estas normas não seriam suficientes para inibir o proferir de fé dos/as professores/as das diversas disciplinas e não somente da religiosa. O

³ Verificamos, na Constituição Federal de 1988, a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, muito embora a matrícula na disciplina seja facultativa, devendo cada estudante comunicar se quer ou não assistir às aulas. Em 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação regulamentou a oferta deste ensino e delegou aos estados a autonomia para definir o conteúdo e os critérios de habilitação de professores.

proselitismo religioso é uma realidade vivenciada na sala de aula e negá-lo ou imaginar que poderíamos arrancá-lo a fórceps seria contraproducente.

Quando nos reportamos a nossa interpelação, por que desejamos um/a professor/a com a conduta ética/compromissada e não com neutralidade/objetividade? dois jogos de palavras aparecem na cena como uma presença materializada: ética e neutralidade e/ou compromisso e objetividade. Poderíamos evocar a historicidade da palavra neutralidade e, assertivamente, vê-la como um artifício criado pela ciência positivista para se contrapor ao discurso monolítico religioso, e daí entendê-la como revolucionária. Entretanto, na passagem do tempo, sobretudo na perspectiva da descolonialidade epistêmica –Aníbal Quijano(2002), Maria Lugones, (2008), Claudia Costa (2012),Ramon Grofesquel(2008)–, podemos auferir que, em prol da neutralidade científica dos países do norte tivemos o ceifar das nossas civilizações. Por outro lado, temos, como nos diz, receosa, a indiana Meera Nanda(1999), a “ciência étnica” promovida pelos movimentos neotradicionalista e fundamentalistas religiosos que se aproveita de uma igualação radical da ciência moderna ao Ocidente para fomentar o discurso da salvação.

Reconhecemos a crise dos saberes científicos, mas não o abandonamos como pesquisadores/as: buscamos refiná-lo e, como nos diz Haraway(1994), blasfemamos, mesmo quando não apostamos no ideal da neutralidade. Guardamos como princípio que a ciência não é dogmática, tampouco construída por axiomas peremptórios, que, como princípio, ela deverá se estruturar sem a ideia da verdade absoluta, retomando para si o princípio da falseabilidade.

Quando nos referimos à conduta dos/as professores/as, reconhecemos seus valores morais religiosos, mas sabemos que tais valores devem ser colocados sob suspeita em sala de aula. Sabemos que o deslocar do lugar desta subjetividade corpórea é fundamental para o exercício de escuta da multiplicidade dos discursos que proliferam sobre as sexualidades e as relações de gênero. Grosso modo, podemos classificar tais discursos como modelados e tutelados pela linguagem ordinária (o senso comum); pela linguagem religiosa; pela

linguagem dos movimentos sociais; pela linguagem estatal; e pela linguagem científica.

A crença de que os/as professores/as não irão abandonar seus valores religiosos em prol do discurso científico é condição *sine qua non* para que a nossa busca favoreça um encontro menos “raivoso” e belicoso entre nós (pesquisadores/as) e outrem (professores/as da Educação Básica). Na segunda seção, faremos uma apresentação sucinta deste território.

A RECONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO DO ENCONTRO ENTRE PESQUISADORES/AS E PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Em 2008, na escrita do projeto proposto aos órgãos de fomento para a realização do evento Seminário Enlaçando Sexualidades, depreendemos o seguinte objetivo:

[...] capacitar seus/suas educadores/as de ensino fundamental e médio através de um curso que antecede o evento, intitulado Enlaçando Sexualidades e os Educadores, com a carga horária de 60 horas, cujo conteúdo permite a participação deles/as na modalidade de Relatos de Experiências (Pedido Nº 615/2011 – *Enlaçando Sexualidades*, 2011, p. 2).

Desta forma, o território do encontro havia sido delineado em dois momentos com os/as professores/as da Educação. Primeiramente, no curso de 60 horas destinado à produção do relato de experiência, onde se daria a primeira interação entre os/as pesquisadores/as do campo das sexualidades e das relações de gênero e os professores/as da Educação Básica. O segundo momento teria lugar no período do evento, quando os/as professores/as apresentariam seus relatos de experiências nos *Enlaces* (Grupos de Trabalho) com os demais participantes e compartilhariam o conhecimento interdisciplinar ministrado nas conferências e nas mesas.

Entretanto, para que os/as professores/as fossem liberados/as das suas atividades de sala de aula de forma a se inserirem neste novo território, acreditava-se que a negociação deveria ser estabelecida diretamente com as escolas... Vejamos o que nos revela a proposta:

Estes relatos revelariam as diversas facetas dos dispositivos das sexualidades nas Escolas, sob a perspectiva dos/as educadores/as. Estes/as educadores/as também passam a identificar e conhecer o evento em sua totalidade, ou seja, são partícipes e não meros ouvintes. Como contrapartida essas instituições pagam as inscrições dos/as seus educadores, bem como contribuem na divulgação do evento (Pedido Nº 615/2011 – *Enlaçando Sexualidades*, 2011, p. 2).

Nas duas primeiras edições do evento, contamos com o apoio das Secretarias Municipal e Estadual de Educação e a seleção dos/as professores/as era operacionalizada via as próprias Secretarias. Entretanto, vários episódios ocorreram para que ponderássemos em relação a este apoio institucional. Destacamos três episódios que nos fizeram, paulatinamente, distanciar desta parceria ou, pelo menos, garantir outros meios para que os/as professores/as ganhassem autonomia nesta participação.

Em 2009, os/as professores/as ficaram insatisfeitos/as com a forma de certificação, uma vez que foi requerido, pelo Órgão, à coordenação do Seminário, uma certificação individualizada cuja elaboração deveria ser realizada pelo próprio Órgão. Em 2011, os/as professores/as oriundos/as de uma Escola Pública encararam o curso como uma punição. Para eles, a Secretaria da Educação havia recrutado os/as professores/as desta Escola não por conta de uma demanda livre, mas sim, porque a vice-diretora teria sido exonerada do cargo, em função de um desentendimento com um estudante de onze anos de idade⁴. Este desentendimento, na interpretação destes/as professores/as, teria ocorrido porque ninguém sabia lidar com a homossexualidade dos/as estudantes e não somente a vice-diretora, cuja

conduta fora até então sempre irreparável. Em 2013, a coordenação decidiu não buscar parceria com a Secretaria de Educação do Estado, realizando o curso mediante a busca espontânea dos/as professores/as.

Este território de encontro estruturado e estruturante busca se fortalecer em uma perspectiva dialógica e utópica, segundo as palavras de Eduardo Galeano (1993, 230),

Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.

Neste sentido, o território do encontro se destina a ser uma *episteme* e um espaço inacabado. A ideia do encontro parte de uma perspectiva contextual, interdisciplinar e descolonial e, portanto, não está imune à reflexão das relações de poder que se estabelecem desde a origem deste Território do Encontro, à hierarquia estrutural inerente às posições dicotômicas, por um lado, um grupo que detém o saber, por outro lado, um grupo dos desapropriados do saber. O primeiro passo é desestruturar a posição ficcional desta relação, sobretudo porque neste curso não haverá avaliação, tampouco uma hierarquização de saberes, mas, sim, uma escuta múltipla. O segundo é compartilhar os saberes de forma individualizada. E o terceiro passo é tornar desconfortáveis as posições ocupadas por ambos, pesquisadores/as e professores/as. Veremos, na próxima seção, como se estruturam estas pegadas.

A DESCRIÇÃO DA INTERAÇÃO ENTRE PESQUISADORES/AS E PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO TERRITÓRIO DO ENLAÇANDO SEXUALIDADES

Em 2009, um professor-cursista nos interpela, de forma incisiva: *–Professora, por que direito reprodutivo?* Em 2013, uma professora-cursista, de forma exasperada, nos indaga: *–Professora, teremos que, agora, ensinar sobre o ‘homossexualismo’ na sala de aula?*

Ambas as citações, depreendidas no diário de campo, nos ajudaram a deduzir que existe uma representação coletiva elaborada pelos/as professores/as sobre a palavra sexualidades

⁴ Este episódio ganhou um espaço no Jornal Nacional veiculado pela Rede Globo. Foi noticiado que a vice-diretora indagou ao estudante “– Você gosta de homem ou de mulher? ”, por vê-lo acariciando outro garoto no pátio da escola. Além desta interpelação, ela encaminhou uma carta à mãe do estudante cujo conteúdo divulgado na imprensa relatava: “O aluno R.P.S. está suspenso por dois dias por indecência, indisciplina e ouzadia[sic] com o colega. Não respeita seu colega, está dando motivos para não ser respeitado. Lhe perguntei: que ele prefere se o sexo feminino ou o masculino, pois o que ele fez foi muito feio. Veio para a escola a fim de bagunçar”. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2011/05/noticias/vice-diretora-exonerada-cargo-por-perguntar-menino-11-anos-se-era-gay>>.

estampada no nome do evento qual seja a de que sexualidades, quando refletida ou investigada no campo científico ou posta nos holofotes, têm a ver, diretamente, com a homossexualidade.

Para que esta representação coletiva da homossexualidade como problema fosse sendo dissuadida a cada edição, colocamos uma agenda da sexualidade atribuída como heterossexual em relevância e, em nossa próxima edição, trataremos mais especificamente da fecundidade.

O primeiro passo para que os/as professores/as se sintam comprometidos/as e responsáveis em relação à temática das sexualidades é a criação de um espaço amistoso, sem censuras prévias, de forma que os/as pesquisadores/as não se arvorem a falar a partir dos seus lugares políticos identitários, uma vez que estes lugares podem soar agressivos, arrogantes e monolíticos. A ideia de uma escuta amistosa deverá ser levada a cabo pelos/as pesquisadores/as no decorrer de todo o curso.

Os/as pesquisadores/as se apresentam tendo como ponto de partida a sexualidade como uma temática que vem sendo estudada por cada um/a, por motivos subjetivos e objetivos e, a partir daí, expõem os motivos objetivos que os/as conduziram a esta empreitada: este motivo deverá ser um dado empírico depreendido no cotidiano. Em seguida, o/a professor/a cursista que assim o desejar exporá uma história referente à sexualidade que lhe chame a atenção na comunidade escolar ou circunvizinha e contará individualmente sua história; e, assim, sucessivamente, cada professor/a participa deste primeiro diálogo, sendo as suas narrativas valorizadas, sem censuras prévias, e as tensões surgidas devidamente controladas. A paciência se configura, assim, como um atributo central a ser desenvolvido pelos/as pesquisadores/as.

Ainda nas primeiras aulas, salienta-se que o *Seminário Enlaçando Sexualidades* se estruturou não somente como um veículo de difusão de saberes científicos interdisciplinares sobre a temática das sexualidades e relações de gênero, mas, também, como um território da construção de saberes que dialoga com os/as gestores/as públicos, com os membros dos movimentos sociais e com os/as professores/as da Educação Básica. Para corroborar com esta imagem do *Enlaçando Sexualidades*, apresenta-se o *site* do evento cujo conteúdo é completamente desnudado e descrito para os/as professores/as. O *site* é descrito, minuciosamente, desde a programação,

considerando o Currículo Lattes de cada palestrante até a caracterização das instituições organizadoras, das entidades financiadoras e das parcerias, sendo destacada a multidisciplinaridade dos saberes e a multiplicidade dos segmentos partícipes deste Seminário (membros dos movimentos sociais, discentes, docentes, pesquisadores/as das diversas áreas do conhecimento e gestores/as públicos/as) que compartilham entre si; portanto, a pluralidade é apreciada e acolhida.

Nestas aulas, as teorias e os estudos sobre sexualidades não são expostos pelos/as pesquisadores/as. O segundo momento do curso se caracteriza pela organização das narrativas como relatos de experiências. Aqui, tomamos de empréstimo a ideia de perspectiva dramática desenvolvida por Goffman (1994), uma vez que nos interessa reconstituir a cena traduzida com a temática da sexualidade, tendo como elementos: atriz e ator, performance, plateia, palco e bastidores.

Conduzidos para o mundo do visual, os/as professores/as começam, então, a desenhar a moldura do espaço que pode ser configurada pela sala de aula, o pátio da escola, banheiros, espaços circunvizinhos, etc. Em seguida, são requeridos os atores envolvidos (professores/as, estudantes, serventes, diretores/as...), e, por fim as interações entre estes atores. A partir da cena visualizada, iniciam o processo de escrita, descrevendo a cena com requinte de detalhes.

Quando nos reportamos à cena descrita no início deste relato, a professora acrescenta a relação com a família, que não fora vista por ela, mas que ela supõe, segundo depoimentos de vizinhos— os/as pais/mães desta criança não vivem bem—, e nos reporta a uma análise sobre o processo cognitivo da menina cuja idade de cinco anos a levava a concluir que a penetração do lápis na vagina teria a ver com o processo de imitação, ou seja, a menina teria observado a cena e reproduzido ou, em caso mais recalcitrante, com uma violação por parte de um/a familiar.

No artigo intitulado “Gênero está para corpos masculinos e femininos, assim como sexualidades está para homossexualidade e abjeções: uma breve reflexão a partir das representações das sexualidades elaboradas pelos professores da Rede Metropolitana de Salvador” escrito a seis mãos, por Messeder, Martins e Miranda (2010), os/as autores/asse debruçaram

sobre os relatos de experiências publicados no Caderno de Resumo do I *Seminário Enlaçando Sexualidades* e analisaram as representações em dois blocos distintos: a) relações de gênero e b) relações de sexualidades.

Grosso modo, percebeu-se que as representações cotejadas transitavam nas narrativas sobre as LBTGfobias, nos namoros inter-raciais, nos atos performativos de gênero que não correspondem às representações do “verdadeiro homem” e da “verdadeira mulher”, no controle do corpo feminino quanto ao uso de roupas inadequadas e na hipersexualização das pessoas com deficiência. Na segunda e na terceira edição, nota-se o acréscimo de narrativas acerca de aborto, namoros e transas em espaços abertos próximos às escolas, gravidez na adolescência, reclamações dos/as pais/mães sobre o uso de vídeos sobre a temática em sala de aula e o uso das redes sociais como desafios enfrentados no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na caminhada para reconstituir o território do encontro entre pesquisadores/as e professores/as da Educação, no *Enlaçando Sexualidades*, tocamos, prioritariamente, na produção do conhecimento localizado sobre sexualidades, demandante de uma subjetividade corpórea incrustada pelas marcas sociais, quer seja de forma privilegiada, quer seja reconhecidamente subalternizada, onde a conduta deste/a pesquisador/a deverá ser refletida para além das suas políticas identitárias. Este conhecimento situado se estrutura a partir de um horizonte utópico que se beneficia com os ideais da justiça social, justiça racial, justiça de gênero, justiça erótica e justiça religiosa.

A conduta do/a professores/as deverá ser a mesma conduta dos/as pesquisadores/as, uma vez que não se trata de uma relação com a neutralidade, mas, sim, com uma conduta responsável pela ética e compromisso, sobretudo com o ideal da justiça religiosa. Para que os/as professores/as acolham o compromisso e a responsabilidade com a temática das sexualidades, torna-se fundamental a criação de um espaço amistoso, onde, com efeito, os/as pesquisadores/as responsáveis em escavar este território não se lancem a partir dos seus lugares políticos identitários, uma vez que estes lugares podem soar agressivos, arrogantes e monolíticos. A política

desenvolvida neste território é da escuta amistosa e paciente.

Este território de encontro no *Enlaçando Sexualidades* se constitui em dois grandes momentos: a) no treinamento de 60 horas com os/as pesquisadores/as do *Enlaçando* e os/as professores/as da Educação Básica; e b) nos três dias do evento. Se, por um lado, o curso tem como meta principal a criação de um território de encontro mais acolhedor para que os/as professores/as se sintam mais íntimos/as com as suas questões sobre sexualidades, organizando-as cenas de interações sociais e, posteriormente, como relatos de experiências, por outro lado, nos três dias de eventos, os/as professores/as irão interagir com as múltiplas narrativas das pessoas em suas diversas ocupações e pertencimentos identitários, bem como vivenciara multidisciplinaridade, mediante os estudos apresentados pelos/as pesquisadores/as das diversas regiões do país e de outros países acolhidos no Seminário.

Referências

- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. **Laicidade do ensino religioso no Brasil**. Brasília: UNESCO; Letras Livres; Editora UnB, 2010.
- COSTA, Cláudia de. Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. **Portuguese Cultural Studies**, n. 4, p.45-59, 2012.
- GALEANO, Eduardo. , **Las palabras andantes**. Siglo Veintiuno Editores, México, 1993.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. London: Harper and Row, 1994.
- GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa** [online], n.9, p. 73-102, 2008.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-42, 1995.
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de

80. In: HOLLANDA, H. Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.243-287.

MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antonio Matos; MIRANDA, Amanaiara. Gênero está para corpos masculinos e femininos, assim como sexualidades está para homossexualidade e abjeções: uma breve reflexão a partir das representações das sexualidades elaboradas pelos(as) professores(as) da rede metropolitana de Salvador. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, MATOS, Marco Antônio (Org.). **Enlaçando sexualidades**. Salvador: Eduneb, v. 1, p. 41-60, 2010.

NANDA, Meera. Contra a destruição/desconstrução da ciência: histórias cautelares do terceiro mundo. In: WOOD, E. M.; FOSTER, J. B. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p.84-106, 1999.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. *Novos Rumos* 37, p.4-28, 2002